

A RELATION HISTORIQUE DE ALEXANDER VON HUMBOLDT

Prof. Dra. Lucia Ricotta (UESB) ¹

RESUMO: Nos três volumes que compõem a “Relação Histórica” da “Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente feita em 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 e 1804”, escrita, editada e organizada por Alexander von Humboldt, são comuns os traços de um percurso ou movimento imaginário realizado por quem anda, viaja e se desloca no interior de um terreno, de uma paisagem, uma região, uma montanha que seja. Aqui, irá ser retomado um tema específico ligado aos movimentos de passagens, deslocamentos, de penetração de um lugar a outro, circulação, transporte, desenraizamento, bem como a conexão que o relato de viagem naturalista não cessa de supor, qual seja, aquela entre escrita e apelo visual a cercar o viajante, num apetite de olho que cobiça detalhes empíricos, sensações objetivas, em catálogo de presenças, em forma de paisagem e em narrativa cartografada através da sucessão de lugares e nomes de lugares atravessados geograficamente.

PALAVRAS-CHAVE: viagem, relato, mobilidade, Alexander von Humboldt

Introdução

Três dos cinco anos ininterruptos de deslocamentos, travessias, trânsitos entre lugares, incontáveis chegadas e partidas de Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland pela América Meridional estão “documentados” na **Relação histórica**², composta de três volumes do monumental *corpus* americanista, cujo título geral é **Viagem às Regiões Equinociais** editado entre 1805 e 1834, com seus 29 volumes ao total³. Este relato é o resultado da percepção multifacetada de Humboldt; trata-se de um “amálgama discursivo” (LUBRICH, 2004, p. 368) que mistura registros de diário, memória, observações físicas, geológicas, geográficas, descrição de espécies botânicas e zoológicas, mapas (hidrográfico e geográfico), tabelas, quadros pitorescos, estudo de costumes, de língua, de política etc. Pode igualmente ser considerada uma “escrita-em-trânsito”⁴. Além de constituir-se em uma apresentação sucessiva de “fatos” observados

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. luciaricotta@hotmail.com

² A *Relation Historique* corresponde à “primeira parte” e aos três primeiros volumes (publicados respectivamente em 1814, 1819 e 1825) de um conjunto de 29 volumes da monumental obra intitulada: *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland*. O subtítulo dos três volumes referidos é: *Relation Historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt*.

³ A “Relação histórica” é uma obra inacabada e cobre os três primeiros anos da viagem dos naturalistas, de 1799 a 1801.

⁴ Este termo a “escrita-em-trânsito”, cunhado por Flora Süssekind (1990, p. 20), define o tipo de narrativa dos relatos de viajantes estrangeiros como Debret, Saint-Hilaire, Maximiliano de Wied Neuwied, Spix e Martius, Langsdorff, Rugendas, Denis, entres outros, e define, igualmente, os destinos do narrador e dos personagens na “prosa ficcional dos anos 30-40 do século XIX”, no Brasil. A autora, preocupada em delimitar a “figuração inicial do narrador de ficção na produção literária”, da primeira metade do nosso século XIX, reivindica a interlocução dessa produção com dois registros, em especial: o relato de viagens e o paisagismo. E a “escrita-em-trânsito” constitui-se em “registro escrito” do vivido; trata-se, segundo a autora, da “experiência convertida em relato, diário”, que traz as marcas do que se acabou de

in loco, o “encadeamento dos fatos observados” (HUMBOLDT, 1814, p. 2) constitui um dos objetivos centrais da **Relação Histórica**. Nela está reunida uma “multidão de fatos”, as “primeiras impressões” que o viajante recebe da natureza e dos homens, junto, ao que ele denomina de, a “relação existente entre os fenômenos” (HUMBOLDT, 1814, p. 28). Vejamos como Humboldt explica os objetivos desta obra: “Um relação histórica abarca dois objetivos bastante distintos: os eventos mais ou menos importantes que tem relação com o objetivo do viajante, e as observações que ele fez durante seus percursos”(HUMBOLDT, 1814, p. 30). Mas, deve-se perguntar: como o naturalista julga a importância maior ou menor dos eventos naturais? Desde que ponto de vista o viajante observa a natureza, de modo a aproximar ou distanciar determinados fenômenos da? Cito-o:

[A] maneira de conceber a natureza, em sua universalidade de relações, prejudica sem dúvida a rapidez que convém a um itinerário; mas entendo que, em uma relação de viagem, o principal objetivo é o progresso dos conhecimentos físicos, qualquer outra consideração deve estar subordinada àqueles de instrução e utilidade (...) As ligações que unem [os] fenômenos, as relações que existem entre as formas tão diversas dos seres organizados somente se manifestam quando existe o hábito de encarar o globo em seu conjunto, e, quando abarcamos, em um mesmo golpe de vista, a composição das rochas, as forças que lhes alteram e as produções do solo nas regiões mais distantes (HUMBOLDT, A., 1814, p.166).

É certo que o ponto de vista ilustrado do naturalista, de grande utilidade para o “progresso dos conhecimentos físicos”, deve abranger regiões extensas, “abarcando o globo em seu conjunto” para que se descubram os termos de comparação, e para que se rompa com um ponto de vista limitado. Em **Quadros da Natureza**, de 1808, Humboldt comenta: “O que no fim do último século se pensava saber da forma dos vulcões e da ação de suas forças subterrâneas, baseava-se somente no estudo de duas montanhas da Itália, o Vesúvio e o Etna”, e continua:

ver e experimentar *in loco*, de modo a reafirmar, segundo ela, “uma das estratégias fundamentais para atribuir veracidade” ao que dizem os viajantes e escritores. O emprego deste termo, aqui, no entanto, não está somente ligado à garantia de veracidade do relato. A “escrita-em-trânsito” pode também ser entendida como uma escrita enraizada em um tipo de percepção móvel e espacial inerente ao ato de viajar do cientista ilustrado, desde que se entenda que a viagem para Humboldt significa mobilidade e significa também escrita, viajar significa definir os parâmetros de uma escrita da ciência física que é, ao mesmo tempo, escrita do aspecto físico e regional dos fenômenos, bem como de suas inter-relações globais, tendo em vista que esse duplo parâmetro vêm à tona somente (ou depende exclusivamente) do deslocamento e mobilidade que a viagem supõe. Humboldt estabelece, em seu *corpus* americanista, a convergência entre singularidade dos quadros regionais e visão universalista dos fenômenos. No entanto, para que tal convergência se manifeste, é imprescindível que Humboldt cumpra a tarefa científica de escrita da viagem percorrendo distâncias, deslocando-se através de grandes extensões, pondo o corpo num estado de mobilidade e/ou imobilidade própria a escrita de sua ciência. E a escrita da *Relation Historique* é, portanto, fruto dessa “inquietação perpétua”, manifestada nos múltiplos deslocamentos geográficos que Humboldt e Bonpland realizam no “novo continente”. A mobilidade humboldtiana cumpre-se na simultaneidade entre a coleta em movimento de uma quantidade extensa de fatos singulares e a escrita deles sob perspectiva universalista. Contudo, a lógica de uma escrita-em-trânsito está figurada na mobilidade do viajante, não só para a escrita *in loco*, mas, igualmente, para o registro do movimento que gerou esta escrita, pois o ato de viajar implica, de antemão, pôr o corpo em estado de escrita, como nos adverte Charles Grivel, em *Travel Writing*. Nosso ponto de partida supõe a busca de uma relação sistêmica e estrutural entre viagem e escrita da viagem.

Como o Vesúvio é mais acessível (...) segue-se daí que [ele] foi, por assim dizer, o tipo no qual se vazou a representação de todo um mundo longínquo, ao qual pertencem os formidáveis vulcões (...) que se levantam no México, na América do Sul e nas ilhas da Ásia (HUMBOLDT, 1987, p. 299).

Aqui um dado é relevante⁵. A forma de indagar a conexão íntima entre os diversos fenômenos obedece à mobilidade da percepção (porque se trata de uma percepção ou exploração totalizante de cada objeto visível, por exemplo, examina-se forma ou configuração, tamanho, textura, densidade etc.) e à percepção mobilizada pelos deslocamentos físicos, diários e empíricos da viagem. É uma percepção móvel e ambulante à procura de fenômenos, mas, sobretudo, à procura de lugares, itinerários, caminhos, trajetos, posições fixas de terrenos, referências geográficas específicas, de modo a sugerir que é o lugar e seu “quadro físico” correlato que determinam o caráter distintivo de um fenômeno. Daí, a importância em se considerar que a predisposição permanente de mobilidade que, obviamente, sugere à percepção móvel ou à mobilidade da percepção um esforço paradoxal de fixação, espacialização e descrição. Há, portanto, uma convergência paradoxal entre mobilidade e fixidez/imobilidade, porque a ciência da viagem de Humboldt também um registro do ponto de vista estático; o viajante procede em seu itinerário registrando esboços, quadros, desenhos, gráficos, tabelas, coleções e anotações dos muitos objetos, fenômenos, presenças que alinhavam seu percurso⁶.

É de uma tensão presente propriamente no relato científico naturalista que se quer chamar a atenção, tensão entre o movimento requerido para observação e a fixidez necessária para os múltiplos registros e as idéias que ligam os fenômenos. Por exemplo, o exame das formações geológicas do vulcão do Pico do Teide, no Tenerife, depende do contato de Humboldt com formações geológicas diversas que só o deslocamento extensivo para outras regiões vulcânicas possibilita; a viagem de Humboldt à Itália, em 1795, é o momento da visita dele ao Etna, Stromboli, Vesúvio, e, as observações que ele faz, a partir do contato direto com os vulcões italianos, são decisivas para comparar o caráter geológico de outros vulcões da América.

A relação histórica configura, portanto, uma conexão importante entre a escrita e a geografia longa e espessa dos lugares. Pode-se afirmar: é uma escrita do lugar ou lugares, das regiões, da natureza da zona tórrida, seus picos, suas montanhas, seus habitantes etc. E é, sobretudo, uma enunciação que dá contorno a uma geografia ou que apresenta a realidade geográfica dos lugares, seus aspectos físicos, seus quadros pitorescos, possíveis apenas após o contato direto e presença do viajante junto ao terreno, terras e regiões. Humboldt assume tal importância do lugar: “foi o desejo de ver de perto uma natureza selvagem, majestosa e variada em suas produções” que, segundo ele, coincide com a própria saída do que chama de “círculo estreito da vida sedentária”.

A **Relação Histórica** é, sobretudo, espacial. Remete a lugares e nomes de lugares distintos de coleta, observação e presença. O espaço é quem dá lugar ao tema, enredo e configuração da narrativa. A natureza americana, além de ser narrada

⁵ Note-se a importância que o campo de estudo da Geografia abarca em Humboldt. Para servir de fundamento ao que está afirmado, veja-se *Transatlantic Perceptions* de Ottmar Ette (1992, P. 169): “*Here he points out for the first time, once again in the field of geography, how dangerous it is to view things from a exclusively European perspective and how necessary a global understanding has become even in order to explain phenomena in Europe. Thus the inner interrelatedness of very disparate phenomena is revealed to the all-embracing eye of the naturalist*”.

⁶ Sobre a tensão entre mobilidade e figuração como característica básica do gênero relato de viagem ver Flora Süssekind (1990; 1998; 2002).

sucessivamente numa sequencialidade cronológica, é espacializada por meio de operações descritivas. É no desenho do espaço entre localidades e posições que o relato se compõe. Quero dizer com isso que Humboldt coleta dados científicos em função do lugar em que estes se encontram. Não basta mencionar um determinado fenômeno, é necessário mencionar o lugar, no qual ele se encontra, a fisionomia própria do lugar. Só quando sua localização espacial é referida, o naturalista tem condições de determinar as características peculiares de tal ou qual objeto.

Se a narrativa do relato considera os lugares, enuncia esses lugares e relaciona os distintos lugares do planeta, então ela é por isso mesmo, um registro da mobilidade ou do movimento inerente à procura de um lugar ou lugares. Lembre-se que o movimento é natural ao ato de viajar. Existe, portanto, uma relação sistêmica e estrutural entre viagem, mobilidade e deslocamento. O ato de viajar implica andar, passear, deslocar-se, penetrar em regiões desconhecidas, encontrar e desencontrar coisas em movimento, sair de um ponto e alcançar outro ou outros, percorrer temporalidades distintas e diversas espacialidades, atravessar oceanos, rios, montanhas, ruas, cidades, regiões, costas etc. A *Relation Historique* pode ser vista, então, como uma escrita-em-movimento ou uma escrita marcada pelos deslocamentos que a mobilidade da viagem supõe. Tendo em vista a afirmação de Charles Grivel de que “*viajar significa pôr o corpo em um estado de escrita*”, é legítimo supor que a escrita do relato humboldtiano está composta em função das possibilidades que a mobilidade da viagem promove ou bloqueia.

Venhamos à **Relação Histórica**, quando Humboldt alude ao primeiro deslocamento que sua viagem impulsionou: a saída da Europa (HUMBOLDT, A.1814, p. 5). Ele escreve: “Doze anos decorreram depois que eu deixei a Europa para percorrer o interior do novo continente” (HUMBOLDT, 1814, p. 1). Ele se refere ao ano de 1799, mais exatamente Agosto de 1799, quando saía de Corunha, na Espanha, em direção a Havana, passando pelo Tenerife nas Ilhas Canárias. O relato da viagem começa então com o relato da partida que aparece como um ato de separação da Europa que precisará ser substituído ou contrabalanceado por um percurso ao interior do novo continente. A saída da Europa implica já outro lugar, o novo continente, mais precisamente, o interior do continente. Se pensarmos nas coordenadas aqui como sendo a Europa e novo continente sendo o lá, percebemos que o aqui na escrita do relato implica de antemão o lá, um lugar que está implícito quando precisamos explicitar um discurso com essas coordenadas. E o lá representa sempre o lugar para o qual o andar ou o movimento de trânsito ou viagem se encaminha, portanto, um lugar onde não se está, pois se está propriamente em trânsito. E, o viajante e o relato de viagem são os responsáveis por produzir uma presença ou mesmo trazer esse lá para uma existência, o novo continente, que estava em estado de ausência, ou melhor, que ainda não é conhecido pela ciência. É, portanto, o sentido da mobilidade presente no ato de viajar, i. e., a saída da Europa e a penetração no novo continente, o que permite ao viajante deslocar-se daquilo que lhe é familiar, longe nas “regiões distantes”, “pouco visitadas pelos europeus”, salienta Humboldt, para experimentar aquilo que ele não conhece, ou simplesmente, aquilo que é agora um conhecimento “deslocado”, como afirma Charles Grivel, que impõe ao viajante experimentar um realidade de “modo completamente diferente” (Grivel, C. 1994, p. 269)

Em seu texto, *Travel Writing*, Grivel afirma que a causa da escrita do viajante é o não-saber, a falta de conhecimento. Nesse sentido, se a escrita do relato, que representa a mobilidade, é causada pela falta de conhecimento, então o não-saber é a causa da mobilidade. Conclui-se, contudo: a viagem é uma forma de conhecimento possibilitado pela escrita da viagem e o movimento é a marca irrefutável dessa escrita. E mais ainda: não se sabe o que se viu antes de escrever, pois a escrita da viagem figura a

mobilidade em direção ao saber. E é, justamente, o saber que não se sabe, o que dispara a escrita e constitui o nexos capaz de levar qualquer um a escrever enquanto viaja. Não somente para registrar o que foi visto num texto “marca passo”, mas para satisfazer o apetite do avanço, da não-estagnação e do movimento que, trazem à luz, a ignorância do viajante, cujo conhecimento por meio de um itinerário se desrealiza face ao volume de sensações de experiência da espacialidade.

E as experiências de mobilidade e deslocamento são “vivenciadas” em função ou mesmo em uma disfunção de percepções espaciais e temporais daquele que viaja: a percepção do tempo na viagem é distinta da percepção do tempo de quem leva uma vida sedentária num gabinete de história natural, por exemplo. Humboldt, logo no início da *Relation Historique*, alude a certo desajustamento temporal advindo da mobilidade inquieta de sua viagem, suas palavras nos dizem: “numa viagem como a que vim empreender, se goza pouco o presente. Atormentado pelo receio de não conseguir executar os projetos do dia seguinte, se vive em uma inquietude perpétua”. É preciso se ajustar a uma nova percepção do tempo, ou à própria brevidade do tempo, no meio de fadigas e perigos físicos, quando se busca regiões, como diz Humboldt, “quase desconhecidas à maioria das nações da Europa”. É preciso gozar pouco o presente, como sentencia Humboldt, porque a premência de percorrer regiões, de mover o corpo num determinado lugar, de seguir o itinerário, de avançar em terrenos inóspitos, muda inteiramente a duração do tempo, e repõe, inclusive, com velocidade, o espaço: quanto mais rápido se passa pelas coisas, maior a chance de percorrer distâncias, ou ainda, quanto menos se goza o presente, i. e., quanto menor o tempo de parada, maior a chance de avançar em outros trajetos e mais flexível se torna o espaço. E o espaço, nesse sentido, ganha temporalização, e o tempo é medido em função dos deslocamentos espaciais que os percursos requerem. Note-se as considerações que Humboldt faz sobre o tempo consignado para determinados percursos, ele afirma:

Como muitos viajantes, que chegam a Santa Cruz do Tenerife não realizam a excursão ao Pico, porque ignoram o tempo que é preciso empregar aí, será útil consignar aqui os seguintes dados: se servindo de mulas até a Estação dos Ingleses, se emprega, do Pico de Dornajito, 3 horas; do Pico à Estação das Pedras, 6 horas; e dessa Estação à Caldera, 3 horas e meia. Eu contei 9 horas para a descida. Nessas avaliações, se trata do tempo empregado andando, e nenhum necessário para examinar as produções do Pico ou para repousar. Metade de um dia é suficiente para se transportar de Santa Cruz de Tenerife à Orotava (HUMBOLDT, 1814, p.145).

Mas, a viagem, além de ser movimento gera mais mobilidades; a viagem gera outras viagens. A viagem humboldtiana parece ter gerado outras viagens ou porque Humboldt não completou todo o percurso projetado – ele próprio comenta: “Minha viagem não atingiu toda a extensão que eu contava lhe dar ao partir para a América meridional - ou porque a viagem à América é uma viagem, como define Charles Grivel, que se constitui em uma “disciplina do corpo”, que nos move. O viajante então se move e, também, move as coisas ao redor; os objetos também viajam. Humboldt comenta: “Pode-se dizer que o homem, ao se expatriar, quer que tudo mude de pátria junto com ele. Não são somente as plantas, os insetos, e as diferentes espécies de pequenos mamíferos que seguem o viajante através do Oceano: seu trabalho ativo encobre ainda rochas que ele arrancou do solo nos climas distantes” (HUMBOLDT, 1814, P. 168).

Conclusão

O grande relato histórico, portanto, é obra de um viajante sem dúvida e é, igualmente, o relato de um autor (ou autores; em muitos volumes, a autoria é coletiva), que representa, ao mesmo tempo, o narrador e o protagonista⁷. Figura-se, portanto, um viajante-escritor que narra a viagem desde um inventário, de possibilidades discursivas e enunciativas, ligado à prática de escrever-em-movimento ou em-reposo no espaço físico de regiões distantes. Deslocando-se, dia após dia, na “zona tórrida” de “natureza rica, majestosa e variada”, Humboldt teve seu repertório de “realidades” e expectativas visuais transtornado, e passa a “descrever”, em seu diário, “assaz regularmente, e quase sempre sobre os próprios lugares”, como ele mesmo diz, os fatos que julga “útil às ciências”⁸(HUMBOLDT, 1814, p. 28). Vale notar: Humboldt, apesar de dizer que escreve e faz anotações sobre os próprios lugares afirma, ao mesmo tempo, que a escrita do que vê não constitui o seu interesse primordial. Ela representa antes um “interesse secundário”, nas palavras dele. Portanto, qualquer investigação sobre uma possível interlocução entre mobilidade das viagens e escrita-em-movimento do relato tem de levar em conta a definitiva ambigüidade e tensão existente entre a escrita e os movimentos ou repousos para ver, contemplar e observar. Nesse sentido, a viagem não é somente uma forma de conhecimento, mas de reconhecimento que implica a mediação direta do olhar pelo movimento de posicionar e sobrepor palavras no papel. Entenda-se, portanto, que não se trata apenas de momentos distintos de temporalidade, quando teríamos, por exemplo, primeiro o passeio, depois a escrita do que se viu durante o passeio. É claro que a escrita da relação histórica foi organizada e editada quando Humboldt voltou à Europa. Mas é preciso sublinhar que a base da relação histórica é o diário que, inclusive, está incorporado na **Relação Histórica**. Então, há que se buscar uma simultaneidade entre escrita e movimento – o viajante efetivamente escreve enquanto se desloca e vê: ele move as palavras, modifica sua posição, mexe e remexe nas frases, muda a ordem da oração em função dos deslocamentos e descentramento que a mobilidade em determinado terreno supõe. Então, embora os esboços pictóricos de paisagens, cenas e “quadros”, exijam a fixidez de um ponto de vista, os “relatos-reportagem” do que está sendo visto enquanto se anda e se penetra em determinado terreno constituem-se, também, em uma tentativa humboldtiana de transformar a articulação visual do desconhecido (ou de um conhecido deslocado) em possibilidade de conhecimento e reconhecimento por meio da escrita do relato. Sugere-se, aqui, ao lado da perspectiva totalizante e totalizadora sobre os fenômenos (que aludi acima), a tematização de uma perspectiva móvel, pela multiplicação e descontinuidade da contemplação e do ato de observação pelo viajante no ato de caminhar, passear e deslocar-se. Porque convergem, na **Relação Histórica**, diversas formas de escrita que o movimento ou a imobilidade configura: a escrita memorialística da temporalidade, que conta como foi chegar a determinado lugar e tudo que lá se passou; a escrita sobre os lugares, imediata, simultânea e móvel, perfazendo anotações de medidas feitas na hora da medição e, a escrita descritiva sobre o material coletado, tendo em vista que muitas

⁷ Sobre a desconstrução por Alexander von Humboldt do clássico modelo do relato de viagem autobiográfico, ver Oliver Lubrich (2004, p. 361-387)

⁸ A passagem completa é a seguinte: “Em meio a uma natureza imponente, vivamente ocupado com os fenômenos que ela nos oferece a cada passo, o viajante resiste a consignar em seu diário o que se relaciona a ele próprio e aos detalhes minuciosos da vida (...) Além disso, descrevi assaz regularmente, e quase sempre sobre os próprios lugares, as excursões em direção ao pico de um vulcão ou a alguma montanha notável por sua elevação: mas a redação de meu diário foi interrompida cada vez que permanecia em uma cidade ou que outras ocupações não me permitiam dar continuidade ao trabalho que, naquele momento, representava para mim um interesse secundário”.

espécies botânicas são coletadas sem tempo para classificação imediata. Mas essa diferenciação está prometida para estudo posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUMBOLDT, Alexander von. **Voyage aux regions equinocciales du Nouveau Continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. De Humboldt et A. Bonpland, redige par Alexandre de Humboldt, avec deux atlas géographique et physique. Premiere Partie. Relation Historique.** Tome Premier; Second; Troisieme, 1814, 1819, 1825. Disponível em: http://www./humboldt.mpiwg-berlin.mpg.de/humbo_voyag_fr.

HUMBOLDT, Alexander von. **Ansichten der Natur.** Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1987, p. 299

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Voz, figura e movimento na poesia. In: *A voz e a série.* Rio de Janeiro: Sette Letras & Editora UFMG, 1998, p. 31-53.

Com os olhos dos outros. In: *Papéis colados.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 185-196.

ETTE, Ottmar. Transatlantic Perceptions. In: ETTE, Ottmar & PAGNI, A) Dispositio. Revista Americana de Estudios Comparados e Culturales. Crossing the Atlantic: Travel Literature and the perception of the other / vol. XVII, 1992, Nos. 42-43)

GRIVEL, C.: Travel Writing. In: *Materialities of Communication.* Stanford: Stanford university Press, 1994, p. 246.

LUBRICH, Oliver. Alexander von Humboldt: revolutionizing travel literature. **Monatshefte**, vol. 96, No. 3, 2004, p. 360-387.